

## **A ESCOLA COMO PALCO DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA: APRESENTAÇÕES PARAFOLCLÓRICAS**

Aline Maria Santos de Sousa; Letícia Nascimento Cardozo; Pedro Antônio Santos do Nascimento; Zaira Araújo da Silva.

*Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso, srtsousa\_18@hotmail.com*

### **Resumo**

A cultura revela a identidade de um povo, através dela podemos compreender as histórias e costumes de uma sociedade, pois ela engloba os conhecimentos, as manifestações artísticas, as crenças, leis, moral e todos os hábitos adquiridos pelo ser humano em sua vida social. Desta forma, a partir da abordagem qualitativa, utilizamos como ferramenta para coleta de dados entrevistas semiestruturadas com professores, professoras, gestoras e alunos (as) de duas escolas da cidade de Parnaíba – PI, sendo uma da rede privada e outra da rede pública de ensino, bem como a observação participativa nas festas juninas da escola, tendo como objetivo investigar e comprovar a importância da utilização de apresentações parafolclóricas como elementos de aprendizagem e valorização da cultura nordestina. É claro que a escola é o melhor ambiente para se trabalhar a valorização cultural, pois é a partir dela que o educando começa a formar sua identidade pessoal e interpessoal, através da participação e vivências em atividades significativas e contextualizadas, dessa forma é importante que o aluno (a) se perceba na escola e para se perceber é preciso reconhecer os aspectos culturais de sua região, pois são eles que irão explicar os hábitos, costumes, crenças e comportamentos da sociedade na qual ele está inserido.

**Palavras-chave:** Educação; Cultura Nordestina; Identidade Cultural.

### **Introdução**

A cultura revela a identidade de um povo, através dela podemos compreender as histórias e costumes de uma sociedade, pois ela engloba os conhecimentos, as manifestações artísticas, as crenças, leis, moral e todos os hábitos adquiridos pelo ser humano em sua vida social.

Candau (2003) afirma que “cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar.” Ou seja, a cultura é uma peça ativa e indispensável na vida das pessoas e revela-se nas ações mais comuns e rotineiras do modo de viver dos indivíduos, e não existe indivíduo que não tenha cultura, de outro modo, ele é iniciador e multiplicador de uma.

Candau (2003, pag.160) declara ainda que:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados.

Assim, percebemos que as escolas, além de espaços educacionais, são também entidades culturais, nela estão aglomerados diversos grupos sociais que devem ser reconhecidos e valorizados por meio de conversas, palestras e mostras culturais por todos

educadores e não deixados de lado, para que deste modo sejam apresentadas e conhecidas novas culturas ou aquelas que não são tão reconhecidas. A cultura tem um papel significativo no processo de aprendizagem, pois é ela que sustenta esse processo e tem como compromisso preparar sujeitos críticos e conhecedores de sua origem e desenvolvimento histórico-social, assim percebemos a urgência de se debater e trabalhar a diversidade cultural na escola.

Segundo Candau e Anhorn (2000, p.2) faz-se necessário e urgente a implementação da dimensão cultural em nossas práticas pedagógicas nos dias de hoje, considerando-se que as temáticas que escolhemos não tem associação com pluralismo cultural no qual os alunos estão inseridos.

Não é possível viver sem se importar com o passado, pois para se entender o que vivemos nos dias atuais, temos que buscar informações para saber se houveram modificações. Desta maneira, precisa-se perceber como tudo acontecia desde o princípio para que por fim se determine se realmente sucederam-se mudanças e que mudanças foram essas.

Para entender e distinguir culturas diferentes da sua é preciso em primeiro lugar, reconhecer e dominar a origem e desenvolvimento da sua própria. Sabendo disso, o sujeito entenderá a necessidade de conservá-la, defendê-la e engrandecê-la. E quando conhecer culturas diferentes da sua, é fundamental o indivíduo estar acessível e cordial a elas, deve se informar e explorá-las como maneira de dar importância e respeito ao pluralismo cultural que vivemos.

Pedroso (1999) afirma que. “Um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação” Assim, podemos constatar a necessidade de aprender sobre nossas origens para que nossa individualidade cultural seja constituída. Quando fazemos parte de uma comunidade acabamos por nos relacionar com outras pessoas e mutuamente trocamos saberes e percepções, dessas trocas origina-se a nossa cultura, que foi desenvolvida e estruturada gradativamente e em conjunto definindo nossa maneira de ser e agir.

Pedroso (1999) enfatiza que

Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade.

Entendemos então que quando conhecemos nossas raízes, nossa realidade começa a ter sentido, pois assim entendemos melhor as mudanças que acontecem na atualidade e as que

acontecerão no futuro. Dessa forma, consideramos importante que as escolas do Nordeste valorizem as manifestações culturais de sua região, pois vemos, em muitas escolas, livros didáticos e professores priorizando culturas externas, falando de animais, frutas e locais de outras regiões. Ressaltamos a importância de uma educação ampla, em que os (as) alunos (as) tenham a oportunidade de conhecer diferentes manifestações culturais, mas antes disso, é preciso que eles (as) reconheçam o espaço em que ocupam, saibam a história de sua região e compreendam de onde surgiram seus hábitos e costumes. A escola sendo palco de toda e qualquer representação cultural que é crescente na vida do aluno, deve atentar para a valorização daquilo que ele conhece.

Desta forma, a partir da abordagem qualitativa, utilizamos como ferramenta para coleta de dados entrevistas semiestruturadas com professores, professoras, gestoras e alunos (as) de duas escolas da cidade de Parnaíba – PI, sendo uma da rede privada e outra da rede pública de ensino, bem como a observação participativa nas festas juninas da escola, tendo como objetivo investigar e comprovar a importância da utilização de apresentações parafolclóricas como elementos de aprendizagem e valorização da cultura nordestina.

Salientamos que escolhemos observar as festas juninas porque durante as investigações foi possível perceber que as escolas não costumam trabalhar a valorização cultural em suas atividades curriculares, exceto a escola particular.

## **Metodologia**

A pesquisa foi desenvolvida por estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Ministro Reis Velloso (CMRV). Utilizamos a abordagem qualitativa, dessa forma, nosso embasamento teórico se deu através de pesquisas bibliográficas.

Para Minayo (2001, p. 14) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem ao espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variável”.

Para explorar e compreender a temática estudada realizamos a observação participante, pois esta “consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. [...] fica tão próximo como um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais destes” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 177).

Sendo assim, visitamos duas escolas da cidade de Parnaíba – PI, sendo uma da rede privada e outra da rede pública de ensino. Frequentamos as escolas em momentos distintos.

No primeiro momento para realizarmos as entrevistas semiestruturadas, no segundo para observar a festa cultural do mês de junho, também conhecida como festa junina.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com professores, professoras, gestoras, coordenadoras, alunos e alunas das duas escolas. Utilizamos esta ferramenta porque ela permite a compreensão da real situação vivenciada no espaço investigado, a partir das narrativas dos diferentes sujeitos, pois segundo Duarte (2005, p. 62) a entrevista é “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Nesse contexto, o aporte teórico, as observações e entrevistas permitiram uma reflexão acerca da importância da valorização da cultura regional nas escolas do Nordeste, permitindo que o educando conheça e saiba reconhecer os aspectos culturais de sua região, para que então possa conhecer outras culturas.

Ressaltamos que para assegurar o anonimato dos (as) entrevistados (as) utilizaremos pseudônimos no tópico a seguir.

### **Resultados e Discussões**

Com as observações e entrevistas foi possível perceber que a cultura Nordestina é pouco valorizada nas escolas, visto que ela é trabalhada somente no mês de junho, no entanto sabemos que esta manifestação cultural é riquíssima e muito diversificada não devendo, assim, se perder no passar das gerações. Dessa forma acreditamos que ela pode ser trabalhada em diferentes áreas do conhecimento ao longo do ano letivo.

Na escola da rede privada acompanhamos a organização e realização de uma gincana junina, onde a organização se deu em parceria, professor e aluno. Questionamos como é realizada essa união entre docentes e discentes:

“Nossa intenção é que eles venham ter o contato direto, desde a organização até a execução da festa. Mas alguns pais consideram que há uma exploração da parte da escola ao colocar os alunos para participar da organização e isso impede que muitos deles ajudem, mas sempre que possível eles tem essa liberdade de usar a criatividade e ajudar” (PROFESSOR 01).

Com isso podemos observar uma dificuldade ao ser proposto uma atividade que venha tirar os alunos da sala de aula, mudando seus hábitos e acrescentando valores culturais. A intenção de trabalhar a festa junina é mostrar o quão rica é uma tradição que é originalmente nordestina, seja colocando uma bandeira, amarrando laços de fita ou pendurando balões decorativos, as crianças se encontram inseridas no contexto cultural do qual se originam, vivenciando suas raízes.

De acordo com professores (as) e alunos (as), antes de iniciar o planejamento da gincana os principais aspectos da cultura nordestina foram enfatizadas na sala de aula, uma aluna de 9 anos relatou que

“Antes da gente começar a organizar como a gente queria a gincana, a professora falou muito na sala sobre a cultura nordestina, as comidas típicas, a dança, as festas, as lendas que os mais velhos contam, todo mundo aqui ficou animado, pra gente poder dançar, devia ter festa junina o ano todo, é muito bom as brincadeiras”. (ANA MARIA)

Os professores da escola também consideraram importante o resgate cultural na região Nordeste:

“É uma forma de engajar as crianças na atividade extracurricular, elas ficam bastante animadas nessa época, pois acontecem atividades que fogem do cotidiano monótono escolar, além de ser uma forma de socializá-las. A festa junina é de cunho católico e mesmo a diretora sendo protestante nós realizamos eventos nessa época do ano para manter a cultura local, é importante que a criança conheça as práticas culturais da sua região”. (PROFESSORA 02)

A gincana promoveu a união das turmas do Infantil I até as turmas de 9º ano, foi observada a animação dos educandos durante todo o evento, visto que foi uma atividade lúdica que permitiu a quebra da rotina tradicional de sala de aula. A decoração da escola foi tradicionalmente junina, entretanto não estava fundamentada somente na festa, mas na gincana que ali fora promovida.

“Esse período das festividades juninas é o mais propício para discussões sobre a cultura do nosso nordeste dentro de sala de aula. O interesse deles é claro, já que procuramos mostrar não só a festa em si, mas todos os bastidores dela, para que eles olhem e enxerguem o quão rica são as raízes do nosso povo e se orgulhem de cada detalhe da nossa história e como professor quando isso acontece sinto a sensação de dever cumprido.” (PROFESSOR 01)

Através das narrativas é perceptível que as atividades realizadas nesse período são de fundamental importância para promover a interação e o trabalho coletivo tanto dos alunos, quanto dos professores e demais funcionários da escola, visto que, nesta escola em específico, todos os sujeitos precisam trabalhar juntos no mês de junho.

Já na escola da rede pública de ensino, a pesquisa não pôde ser realizada com o mesmo acompanhamento da primeira, no entanto pudemos perceber que os professores e professoras tiveram o mesmo empenho na organização da festa junina tanto na decoração, quanto incentivando os alunos na realização das apresentações parafolclóricas.

A escola estava ornamentada de acordo com a tradição da festa junina, com muitas bandeirinhas, venda de comidas típicas, músicas nordestinas e os alunos e alunas estavam vestidos a caráter. A festa foi aberta para os alunos e seus familiares, diferente da escola da rede privada, onde somente os alunos participaram das atividades.

A festa se desenvolveu em função de mostrar aos alunos e ao público a importância da festividade, com apresentações de danças e com a orquestra de Parnaíba tocando Luiz Gonzaga, mostrando de forma lúdica e dinâmica a diversidade da nossa cultura regional.

“A cultura não pode se perder, o caminho que temos é a escola e através dela podemos mostrar a cada um tudo o que somos, o que nossos antepassados foram e ter a certeza que na geração futura o orgulho de ser nordestino e de ter toda essa riqueza regional não será esquecida e muito menos desvalorizada” (PROFESSORA 03).

É claro que a escola é o melhor ambiente para se trabalhar a valorização cultural, pois é a partir dela que o educando começa a formar sua identidade pessoal e interpessoal, através da participação e vivências em atividades significativas e contextualizadas, dessa forma é importante que o aluno (a) se perceba na escola e para se perceber é preciso reconhecer os aspectos culturais de sua região, pois são eles que irão explicar os hábitos, costumes, crenças e comportamentos da sociedade na qual ele está inserido.

## **Conclusão**

Com a presente pesquisa buscamos mostrar como a Cultura Nordestina é trabalhada dentro das escolas, tendo foco nos momentos em que elas são mais vivenciadas, tanto pela coordenação, como pelos professores e os alunos. Sabemos da importância de apresentar as raízes e a origem da formação do seu povo para a criança, como é necessário que ela venha se reconhecer dentro do contexto em que ela está inserida, de forma com que a mesma possa apreciar aquilo que é tradicionalmente regional.

“Para as crianças, acaba sendo uma motivação, pois a escola não sobrevive apenas com aquele clássico roteiro de aulas, sentar, abrir o livro e o caderno, ler e responder as questões propostas é uma rotina que se torna cansativa e que não tem a atenção total deles. Então toda atividade que consegue atrair os olhares deles, acaba se tornando mais proveitosa que uma tarde sentados nas salas de aula, a dança e o teatro são exemplos de coisas que eles gostam e dão o seu melhor mesmo.” (PROFESSOR 01)

O depoimento do professor acima mostra como é interativo a participação das crianças quando ocorre uma atividade da qual elas conseguem encontrar ludicidade e um objetivo maior que apenas o acréscimo no currículo, ocorre um acréscimo na vida pessoal, na temática de apropriação cultural. Com as atividades as crianças podem se apropriar de uma forma mais dinâmica e mais prática. Trabalhar a cultura nordestina é mostrar pra criança a origem dela e como é importante, bonito e que ela não precisa querer outras culturas, pois a dela é tão bonita e boa quanto as outras. Tudo isso sabendo respeitar e valorizar a cultura dos outros.

Contudo, apesar das festas juninas abrangerem diferentes características da cultura nordestina, ressaltamos que esta não deve ser trabalhada somente no mês de junho, visto que o processo de aprendizagem é mais eficaz quando trabalhado a partir da realidade do aluno, desta forma é importante que os professores e professoras busquem incorporar os aspectos culturais em diferentes situações ao longo do ano letivo a fim de promover uma aprendizagem contextualizada, pois consideramos importante

[...] considerar a realidade em que os alunos estão inseridos, levando em conta as informações que já possuem e as experiências vivenciadas. Assim, levando-se em consideração as particularidades, diversidades de escalas de análise e objetivos específicos de cada professor e cada escola, é que afirmamos que não existe receita pronta, mas que a prática educativa deve ser contextualizada (CAMPOS, 2010, p. 11).

Nossos objetivos foram alcançados pois com a pesquisa e análise dela compreendemos de que forma as escolas trabalham a cultura regional e como os educadores mostram para seus alunos a importância de se conhecer, valorizar e respeitar tanto a cultura da comunidade no qual estão inseridos, quanto as culturas da qual não tem tanto conhecimento e proximidade.

O estudo dessa pesquisa contribuiu principalmente para que pudéssemos exemplificar de forma prática a necessidade de trabalhar a cultura nordestina dentro da sala de aula. Não apenas em períodos determinados como ocorreu na festa junina, porém deve-se trabalhar durante todo o ano letivo. No que diz respeito aos resultados obtidos com os alunos, cremos que ao incentivá-los a conhecer e valorizar as raízes de sua cultura, estamos fazendo com que eles se apropriem dela, mais do que nascer naquele contexto, se sentir pertencentes a ele, pois só podemos valorizar algo do qual temos conhecimento.

### Referências bibliográficas

CAMPOS, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino de geografia**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

CANDAU, Vera Maria; ANHORN, Carmen Teresa Gabriel. **A questão didática e a perspectiva multicultural**: uma articulação necessária. Trabalho apresentado na 23ª Reunião anual da ANPED. Caxambu, MG, 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0413t.PDF>>. Acesso em: 14 dez. 2017

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação, escola e Cultura(s)**: construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, 2003.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PEDROSO, Sérgio Flores. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira**. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.